

REFERÊNCIA

PISANI, Maria Augusta Justi; CORRÊA, Paulo Roberto. **Posturas Projetuais na Restauração do Matadouro da Vila Mariana**. Anais do III Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios. Núcleo de Pesquisa do Ambiente Construído (NPAC) do Departamento de Construção Civil da Escola Politécnica da UFRJ, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) Rio de Janeiro, 2010, p.01-18

POSTURAS PROJETUAIS NA RESTAURAÇÃO DO MATADOURO DA VILA MARIANA

Maria Augusta Justi Pisani (1); Paulo Roberto Corrêa (2)

- (1) Doutora, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Rua da Consolação, 930 – São Paulo – SP - CEP 01302-907 - 55 (11) 2114-8383 - augustajp@gmail.com
- (2) Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Rua da Consolação, 930 – São Paulo – SP - CEP 01302-907 - 55 (11) 2114-8383 – arqpcorrea@mackenzie.br

Tema: Restauração do Patrimônio Histórico.

RESUMO

Em 1884, Alberto Kuhlmann vence o concurso da Prefeitura Municipal de São Paulo para o novo matadouro da cidade.

Após vários usos o conjunto arquitetônico é tombado em 1985 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT, pelo seu interesse histórico e arquitetônico e a importância histórica do Matadouro como elemento estruturador do Bairro da Vila Mariana.

Os arquitetos Fernando José Martinelli e José Osvaldo Vilela, da Prefeitura Municipal de São Paulo elaboram o primeiro projeto de restauro para o Antigo Matadouro Municipal da Vila Mariana. Em 1993, é feito o projeto para a instalação da Cinemateca Brasileira pelo escritório “GMR AA” - Gomes Machado, Rodrigues Arquitetos Associados Ltda. As obras de restauro foram realizadas em etapas e a cinemateca é instalada, mas o projeto não foi implantado em sua totalidade.

A mais recente intervenção foi realizada pelo Arquiteto Nelson Dupré em 2000, esta intervenção destacou os elementos novos, como as passarelas em estrutura de aço e vidro e a sala de cinema BNDES.

Este artigo descreverá e analisará as posturas projetuais que contemplaram o Matadouro da Vila Mariana (atual Cinemateca Brasileira) durante as três intervenções de restauro.

Palavras-chave: restauração de edifícios; patrimônio arquitetônico, Matadouro da Vila Mariana

Abstract

In 1884, Alberto Kuhlmann wins the contest of the City of Sao Paulo for the new slaughterhouse in the city.

After several uses of the architectural complex, this is preserved in 1985 by the Defense Council of Historic, Archaeological and Tourism of the State of Sao Paulo - CONDEPHAAT due to historical and architectural importance of Abattoir and as designer of the District of Vila Mariana.

Architects Fernando José Martinelli and José Osvaldo Vilela, the Municipality of Sao Paulo draw the first restoration project for the old Matadouro da Vila Mariana. In 1993, the project is done for the installation of the Cinemateca Brasileira Office "GMR AA" – Gomes Machado Rodrigues Arquitetos Associados Ltda. The restoration works were done in stages and film library is installed, but the project was not fully constructed.

The most recent intervention was conducted by the Architect Dupré Nelson in 2000, this speech highlighted the new elements, such as coverage for pedestrian on a steel and glass and movie theater called the BNDES.

This article describes and analyzes the attitudes projected ones who contemplated the Slaughterhouse Vila Mariana (current Cinemateca Brasileira) during the three interventions of restoration.

Key Words: Restoration of buildings, architectural heritage, Slaughterhouse Vila Mariana

1.Introdução

Em 1830, o matadouro da Rua Santo Amaro, no centro de São Paulo, era o único estabelecimento público que realizava o abate de animais para o abastecimento de carne para a cidade. O abate era rústico e realizado sobre o chão de terra batida. Os dejetos sólidos e líquidos eram lançados no Rio Anhangabaú. Segundo relatos da Câmara Municipal de São Paulo (SANTOS e RODRIGUES, 1998), foram feitas inúmeras reuniões para se discutir quais providências seriam tomadas para impedir o incômodo que os currais e o matadouro traziam

para a região. Tais incômodos eram agravados pelo vento predominante, que levava o ar poluído para o assentamento urbano que se consolidava.

Em 1852, um novo matadouro foi erigido entre as Ruas Humaitá e Pitangui, conforme plano de C. A. Bresser e empreitado pelo francês Aquiles Martin d'Estadens. Apesar de este ter sido edificado com maiores cuidados de higiene que o anterior, ele não funcionou por muitos anos, pois seus dejetos continuavam a ser lançados no Rio Anhangabaú e geravam poluição nas águas e no ar, bem como a proliferação de insetos.

Em 1877, a Câmara Municipal de São Paulo resolve fechar o matadouro da Rua Humaitá e construir um novo, que não fosse localizado na área central, procurando evitar, desta forma, os infortúnios decorrentes desta atividade, que já eram sobejamente conhecidos. Outro fator que justificava a construção de um novo matadouro era o fato de a população paulistana estar atingindo, nessa década, a marca de 40.000 habitantes. Nesse mesmo período foi escolhido o local onde hoje se situa o Largo Senador Raul Cardoso, na Vila Mariana, como a área para a construção do novo Matadouro Municipal, com o objetivo de as atividades de abate e distribuição de carnes ficassem longe do centro da cidade. Ainda durante a sua construção, em 1885, foi instalado um ramal da Tramway de Santo Amaro e, no dia 6 de janeiro de 1887, foi inaugurado o novo conjunto do matadouro, sendo que o antigo, situado na Rua Humaitá, foi desativado.

2.O Matadouro da Vila Mariana

Em 1879, foi aberto um concurso para as obras do novo matadouro, mas o processo não teve continuidade. Em 1884, um novo concurso foi elaborado para que o matadouro se instalasse no local denominado de “Rincão dos Sapateiros”, localizado nas imediações da linha de bonde que fazia a ligação entre Santo Amaro e o centro de São Paulo, no qual o projeto vencedor foi o do engenheiro Alberto Kuhlmann. O engenheiro Alberto Kuhlmann foi uma personalidade importante no desenvolvimento da cidade de São Paulo. Profissional de origem alemã, naturalizado brasileiro e formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, morou no Estado do Espírito Santo, antes de se mudar em caráter definitivo para São Paulo.. Presidiu a Companhia Carris de Ferro. Foi autor dos projetos das linhas férreas que ligavam Santo

Amaro ao centro de São Paulo e das linhas que ligavam a cidade de Mairinque a Santos e, também, Campo Limpo a Bragança, ambas no Estado de São Paulo.

Uma curiosidade digna de destaque nesse processo de concurso diz respeito ao projeto que ficou em segundo lugar, que teve como autor nada mais nada menos do que Ramos de Azevedo, arquiteto e construtor que transformou as feições de São Paulo, com obras emblemáticas como a do Mercado Municipal, Teatro Municipal e Liceu de Artes e Ofícios.

O matadouro da Vila Mariana é formado por três grandes galpões, intercalados por dois corredores paralelos e descobertos que servem para iluminação e ventilação dos ambientes, mais dois volumes laterais com tipologias distintas dos galpões principais. Posicionando-se o observador no Largo Senador Raul Cardoso e olhando de frente para o conjunto arquitetônico, verifica-se que o galpão localizado no centro do conjunto é o maior em pé-direito. Nele ocorriam as atividades de abatedouro e esartejamento de bovinos. O galpão à direita do galpão central era destinado à matança e esartejamento dos porcos e abrigava, também, um laboratório modesto, além da casa de máquinas; no galpão da esquerda situava-se o tendal, ambiente onde a carne era depositada aguardando o transporte para a distribuição. No volume anexo, localizado na extremidade direita do conjunto edificado, ficava a residência do zelador, com acesso direto à rua e com conexão com os fundos do terreno, e o volume anexo posicionado do lado oposto era reservado para comportar a administração e o almoxarifado.

Os três galpões apresentam tipologia similar aos conjuntos edificados destinados às ferrovias e às construções industriais do final do século XIX, com modulação longitudinal, decorrente dos vãos entre as tesouras de madeira, e cobertura em telhas francesas.

O Matadouro da Vila Mariana foi construído na fase em que a arquitetura de taipa, de pilão e de mão, estava sendo substituída pela arquitetura de tijolos, que vieram para atender aos novos programas exigidos pela economia cafeeira. As paredes dos galpões são em alvenaria de tijolos maciços comuns, portantes, com a cobertura de telhas cerâmicas sobre tesouras de madeira. Vários desenhos e tamanhos de tijolos são encontrados no conjunto edificado, um mais largo no embasamento das paredes, para que essa região ficasse mais reforçada e resistisse às águas pluviais, outro nos preenchimentos entre os cunhais e umbrais. Também foram empregados tijolos de vários formatos, como os curvos em um dos cantos, para o arredondamento dos peitoris, e chanfrado para as molduras. Para atender aos vãos das aberturas, foram construídos arcos de escarção, que geraram a curva plena das vergas superiores das aberturas de portas e janelas.

A Vila Mariana nasceu e se organizou ao longo dos caminhos de tropeiros, que transportavam os produtos agrícolas de todo o Estado de São Paulo até o porto de Santos. Quando da inauguração do matadouro, a Vila Mariana era formada por chácaras de pequeno porte. A nova ligação do bonde se tornou um agente de urbanização, complementado pela oferta de empregos e outras oportunidades de trabalho geradas pelas atividades do matadouro. As locomotivas de pequeno porte e os bondes especiais para o transporte de carga paravam na entrada do galpão central, onde se localizava o tendal (fotos 1 e 2), eram carregados de carne e levados para outros entrepostos de distribuição localizados em várias regiões da cidade.



Foto 1 e 2 - Vagões de carga estacionados nas portas dos galpões do Matadouro da Vila Mariana no início do século XX. Fonte: MACHADO (2008)

Em 1906, uma grande reforma foi executada no Matadouro, para atender ao crescimento acima do esperado do volume de gado e de carne que eram comercializados. Nessa reforma, foi construída a caixa d'água, calçamentos internos e retelhamento. Em 1908, a Cia Carris de Ferro São Paulo - Santo Amaro é incorporada pela Light and Power, e o transporte da carne e a linha do Matadouro, denominada de chave, passou a ser atendida por bondes elétricos.

As atividades do Matadouro da Vila Mariana ficaram comprometidas com o crescimento da cidade e com aumento no consumo de carne. O local, que era desocupado, se transformou, em duas décadas, em uma área totalmente ocupada por habitações e comércios. Em 1927, o então prefeito de São Paulo, Pires do Rio, resolve fechar o Matadouro e propõe um novo tendal, próximo à estrada de ferro. Os motivos apontados na época, para o fechamento do Matadouro da Vila Mariana, foram: falta de água na região, grande volume de resíduos sólidos e líquidos,

que contaminavam o bairro, que cresceu e adensou no seu entorno, e a ineficiência dos bondes para o transporte de grandes quantidades de carnes.

A Divisão de Preservação do Patrimônio Histórico – DPH, da Secretaria Municipal de Cultura, elaborou o pedido de tombamento ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT, no início da década de 1980, culminando com o tombamento de fato em 1985, pela resolução SC 7/85, condicionado à restauração do conjunto edificado. O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Paulo – CONPRESP tomba o conjunto em 1992.

3. Primeiro projeto de restauro: Arquitetos Martinelli e Vilela (1983)

Os arquitetos Fernando José Martinelli e José Osvaldo Vilela, da Divisão de Preservação da Seção Técnica de Projetos, Restauro e Conservação, do DPH, elaboram o anteprojeto de restauro para o Antigo Matadouro Municipal da Vila Mariana, visando à reconstituição da conformação original do conjunto edificado e o estabelecimento de critérios para a futura adaptação às novas funções.

Segundo relatório que acompanha o anteprojeto, o partido adotado na restauração para o Antigo Matadouro da Vila Mariana seguia as seguintes etapas metodológicas ou condicionantes de projeto:

1. Analisar a arquitetura remanescente para identificar as várias reformas e descaracterizações que os edifícios sofreram ao longo de sua história;
2. Resgatar as principais características arquitetônicas do conjunto;
3. Propor a remoção de todas as obras feitas a partir de 1938, entre elas as coberturas nos dois corredores entre os três galpões;
4. Evidenciar as construções feitas *a posteriori* do original;
5. Não reconstruir as construções secundárias feitas entre 1900 e 1913, como chiqueiros e depósitos variados;
6. Deixar em aberto a reconstrução do muro que fechava todo o conjunto;

7. Deixar o atual escritório e a caixa d'água;
8. Propor, independente do uso a ser dado ao edifício, uma exposição permanente de fotos e plantas antigas para a compreensão do conjunto desde sua inauguração.

Levantamentos iconográficos, bibliográficos e de campo foram realizados para fornecer informações suficientes para os projetos de restauro da arquitetura original. O projeto previu a remoção de várias alvenarias recentes e de fechamentos de vãos de reformas inconsequentes, que foram realizadas ao longo dos anos e que descaracterizaram totalmente o conjunto. As figuras 1 e 2, abaixo, mostram um detalhe da fachada principal, redesenhada com legendas e referências aos vãos a serem reconstituídos, vãos a serem desemparedados e recuperados e outras obras necessárias para a recomposição das mesmas. O projeto é composto por sete pranchas contendo plantas, cortes, elevações e detalhes dos galpões, casa do administrador e muros envoltórios. Não foram localizados detalhes ou vestígios suficientes da cobertura original, a não ser pelas fotos antigas, que mostram que os edifícios possuíam lanternim e o entelhamento com telhas francesas.

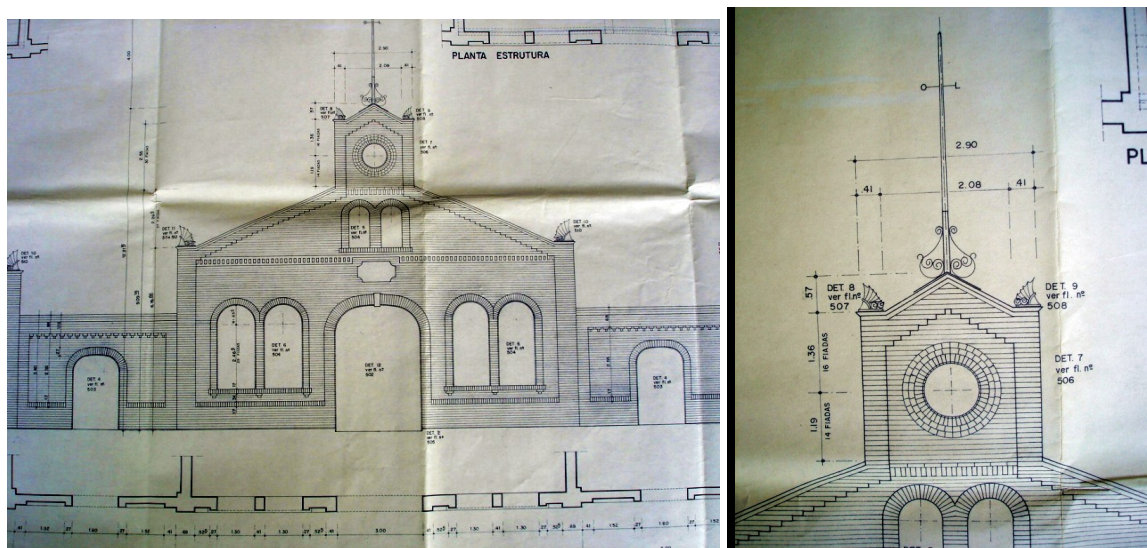


Figura 1 e 2 - Detalhes do projeto de restauro da fachada.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Patrimônio Histórico - DPH. Divisão de Preservação - Seção Técnica de Projetos, Restauro e Conservação. Anteprojeto de restauro do antigo Matadouro da Vila Mariana. Datado de outubro/1983

4. Segundo projeto de restauro: Escritórios YMR AA (1989) e GMR AA (1993)

O projeto de restauro com anexos, de autoria do Escritório “YMR AA” Yurgel, Machado e Rodrigues Arquitetos Associados Ltda., dos arquitetos: Marlene Yurgel, Lúcio Gomes Machado e Eduardo de Jesus Rodrigues em 1989, foi solicitado pelo Ministério da Cultura - Fundação Pró-Memória - Cinemateca Brasileira. A proposta previa, para o conjunto, a instalação da Cinemateca Brasileira e do Centro Latino Americano e do Caribe de Preservação da Imagem em Movimento. Segundo “YMR AA” (1989), o projeto compreendia levantamentos completos para fins de restauro, e previa para os edifícios novos a adoção de sistemas construtivos modulares e industrializados, para diminuir custos e proporcionar maior versatilidade na construção e na manutenção. A proposta baseava-se na consolidação do uso do imóvel para fins culturais, conforme indicações do processo de tombamento; restauro da arquitetura original dos galpões; recuperação dos espaços externos; implantação de novos edifícios e estabelecimento de circulações entre as áreas não edificadas e edificadas do conjunto.

Em 1993, é elaborada a segunda versão do projeto pelo escritório “GMR AA” - Gomes Machado, Rodrigues Arquitetos Associados Ltda., com nova formação (arquitetos Lúcio Gomes Machado e Eduardo de Jesus Rodrigues). Este trabalho é contratado pelo dirigente da Cinemateca Brasileira, Carlos Augusto Machado Calil, que solicita aos profissionais do Escritório “GMR AA” a elaboração do projeto de restauração dos edifícios antigos e a construção de edifícios novos, para atender às necessidades espaciais da Cinemateca Brasileira e da Sede da Sociedade Amigos da Cinemateca. Este segundo projeto foi reelaborado devido às alterações no programa funcional previsto em 1989.

O projeto arquitetônico foi desenvolvido atendendo às diretrizes semelhantes às do primeiro estudo feito pelo escritório “YMR AA” e seguiu os seguintes objetivos:

- Restaurar os galpões segundo a arquitetura do início do século, com algumas alterações feitas na construção original, mas sem comprometer de forma significativa o seu conteúdo;
- Recuperar os espaços externos para a implantação de novo edifício para abrigar salas de projeção, sala multiuso e *foyer*. Estes geram maior desgaste devido à intensidade de uso e, por isso, devem ser locados no edifício novo, para salvaguardar os antigos;

- Implantar edifício novo com dois pavimentos semi-enterrados;
- Implantar circulações entre as áreas edificadas. (GMR AA, 1995, p.7)

O escritório de Lucio Gomes Machado entra em contato com os autores do projeto do DPH, arquitetos Fernando José Martinelli e José Osvaldo Vilela, bem como com todos os levantamentos por eles executados. São feitas reuniões para que o novo projeto não entre em conflito com as diretrizes e constatações feitas pelos respectivos profissionais, que trabalharam durante anos nos levantamentos documentais e “in loco” do conjunto arquitetônico. Além desses cuidados é importante destacar que o projeto elaborado pelo escritório “GMR AA” se comprometeu a respeitar todas as recomendações dos gestores do patrimônio arquitetônico e histórico, em todos os níveis de poder.

Segundo MACHADO (2008), as obras de restauro e de reconstrução foram realizadas em etapas, conforme a Cinemateca Brasileira ia liberando as verbas para os trabalhos. As obras que ficaram prontas segundo o projeto original foram: a da Casa do Administrador, os reforços com estruturas de concreto armado nas fundações dos galpões, reforços com estruturas de concreto armado nas alvenarias dos galpões, restauro e reconstrução das paredes envoltórias dos galpões, exceto a posterior, que até hoje se encontra sem a reconstrução de suas alvenarias.

As fotos 3 e 4 mostram o péssimo estado de conservação em que o conjunto se encontrava no início dos anos 90. Nota-se que os três galpões principais não continham mais os lanternins originais, e as reformas sucessivas que o conjunto sofreu foram feitas sem o menor respeito com as características originais da sua Arquitetura. As coberturas foram transformadas em duas águas, que receberam telhas de fibrocimento em algumas partes. As aberturas foram mutiladas durante os anos de uso e algumas tinham sido emparedadas. Janelas e portas novas foram abertas, com esquadrias de ferro e de madeira, sem nenhum critério, demolindo as alvenarias originais e descaracterizando a arquitetura e o ritmo da composição das fachadas. As partes restantes da alvenaria original apresentavam grandes erosões em seus elementos e as paredes apresentavam comprometimentos estruturais.



Fotos 3 e 4 - Matadouro no início dos anos 90. Fonte: MACHADO (199?)

Para o detalhamento e reconstrução das alvenarias envoltórias, bem como dos detalhes construtivos, MACHADO (2008) informa que o trabalho foi minuciosamente realizado a partir de poucas fotos antigas que se tinham à disposição. Os tijolos foram contados nas próprias fotografias da época, com o auxílio de uma lupa e, comparando as medidas com as partes remanescentes no edifício existente, foram sendo montados os desenhos das fachadas.

Para as obras de restauro, foi necessária a fabricação dos diferentes tipos de tijolos encontrados no edifício, para que estes pudessem ser encaixados nas alvenarias remanescentes e recompor as muito danificadas. Para isso, foram selecionados os diferentes tipos de tijolos, desenhados e fabricados com as mesmas dimensões dos originais. Importante lembrar que esta precisão se fez necessária, devido às alvenarias das fachadas serem todas aparentes. Os

novos tijolos foram encomendados em uma cerâmica na cidade de Piracicaba - Estado de São Paulo, onde a argila empregada é de cor semelhante à original, que possui tom rosado. As alvenarias foram reconstruídas utilizando-se os novos tijolos, sendo que estes apresentam textura mais lisa e homogênea, de forma que o observador possa perceber as pequenas nuances entre o novo e o antigo, sem comprometer a harmonia do conjunto.

Foram necessários reforços estruturais, com vigas e pilaretes nas empenas maiores, para que estas suportassem as cargas da cobertura e os efeitos da trepidação originada pelo grande fluxo de veículos na região. Se fossem reerguidas da forma original com que foram construídas, muito delgadas, elas poderiam apresentar patologias rapidamente.

Para o atendimento das necessidades programáticas da Cinemateca Brasileira, o escritório “GMR AA” (1995) propôs a construção de 15 módulos, com possibilidade de serem implantados de forma sucessiva, para que cada um deles pudesse entrar em funcionamento, independente dos demais, de maneira que a obra não impedisse o funcionamento dos módulos já concluídos. Os módulos propostos foram: laboratório de restauro de filmes, vídeos e depósitos de nitrato; depósitos climatizados de filmes e vídeos; depósito intermediário; sede da Sociedade Amigos da Cinemateca - SAC e setor de seminários; recepção e exposição temporárias; exposições temporárias e setor de segurança; biblioteca e midiateca; administração; salas de exibição e aulas; anfiteatro ao ar livre; sala multiuso; ampliação dos laboratórios e dois módulos finais de ampliação para os depósitos climatizados de filmes e vídeos. A planta do conjunto é apresentada na figura 3, e a figura 4 mostra uma perspectiva do conjunto com a proposta de restauro e ampliação.

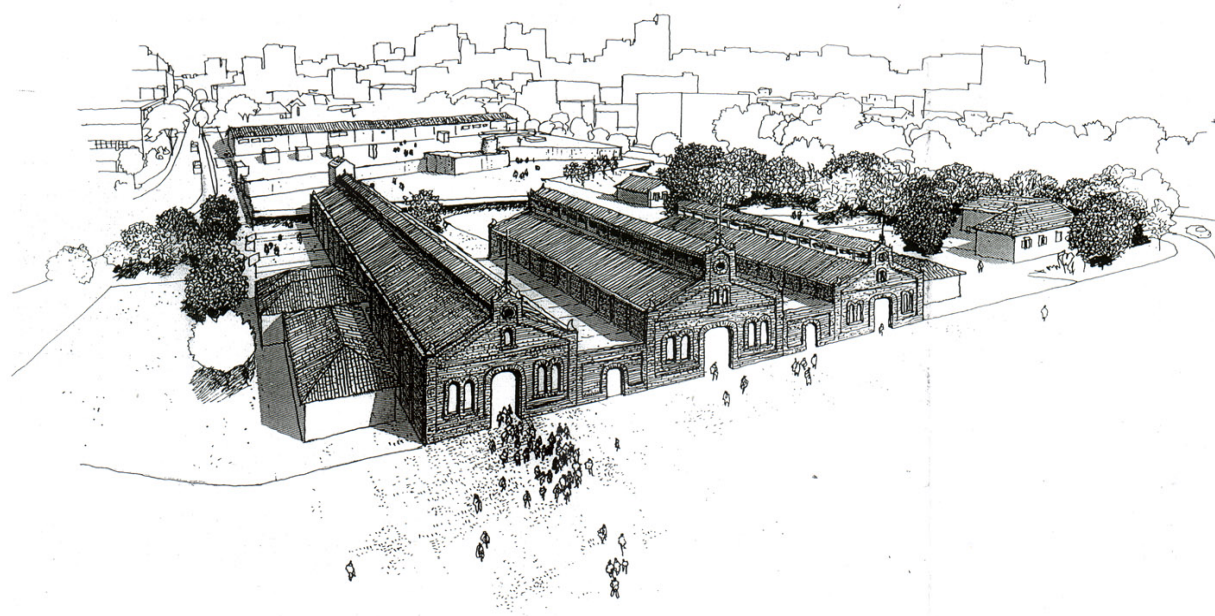
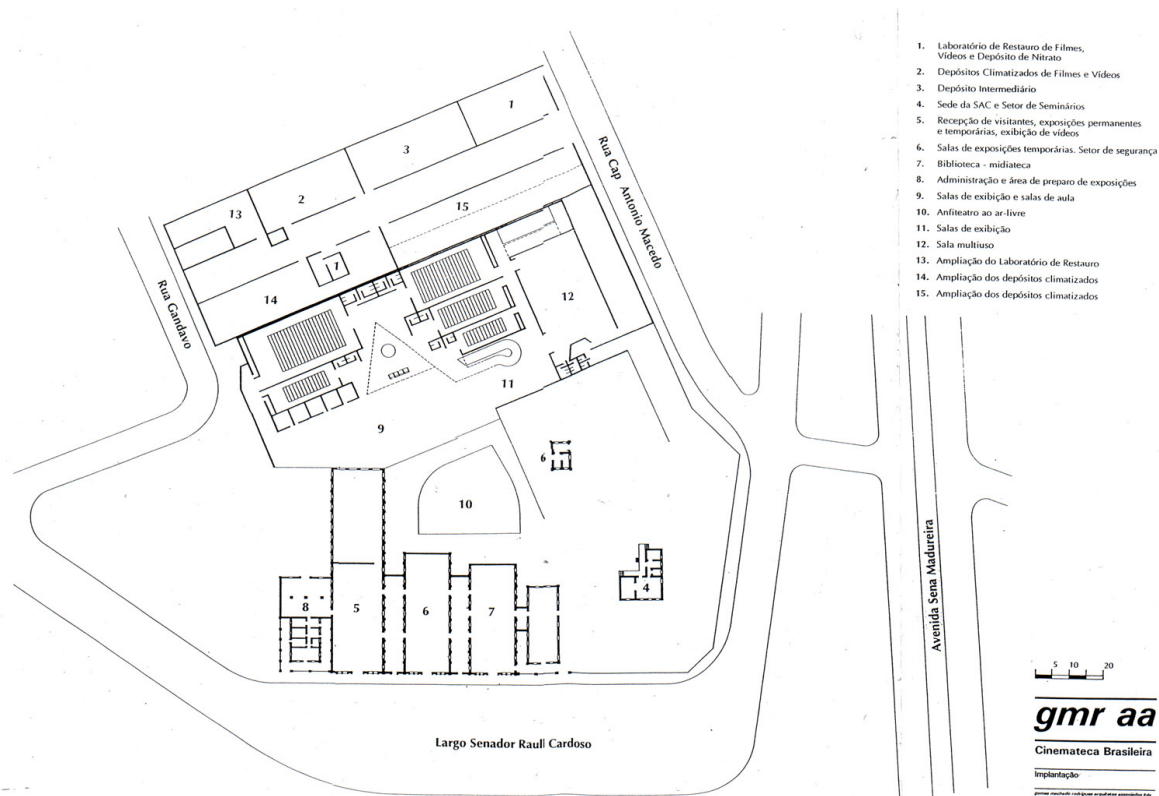


Figura 3 – Planta da proposta do escritório “GMR AA”. Figura 4 - Perspectiva do conjunto

Fonte: MACHADO (2008) GMR AA (1995)

Nas escavações, realizadas durante os trabalhos de reforços das fundações dos galpões na fachada principal do conjunto, MACHADO (2008) afirma ter descoberto que as antigas soleiras eram 15 centímetros mais baixas que as soleiras atuais, portanto, a cota de nível do

Largo Senador Raul Cardoso como um todo era em uma cota mais baixa do que a verificada hoje. O Largo recebeu um calçamento por cima do antigo pavimento, uma sobreposição de camadas, resultando nessa diferença detectada. Algumas descobertas durante o processo de escavações e demolições são comuns em obras de restauro e reformas e estas podem gerar novos detalhes nos projetos.

O desejo de MACHADO (2008) era ter feito um projeto mais abrangente, envolvendo não só a área do Matadouro, mas, também, do Largo e do seu entorno, mas não conseguiu e o projeto teve que se restringir aos limites dos lotes, segundo critérios impostos durante os trabalhos.

Após alguns anos de obras, em 1990, o Plano Brasil Novo, mais conhecido como Plano Collor foi um duro golpe na implantação do projeto, e as verbas destinadas à continuidade dos trabalhos foram sistematicamente sendo cortadas, até o momento em que os serviços tiveram que ser totalmente paralisados, sem a conclusão total da proposta projetual.

5. Terceiro projeto de restauro: Arquiteto Nelson Dupré (2000)

A mais recente intervenção no conjunto arquitetônico do Matadouro Municipal da Vila Mariana foi realizada pelo Arquiteto Nelson Dupré, que iniciou os trabalhos em 2000, sendo que o projeto somente ganhou impulso a partir de 2003, com a nova Diretoria Executiva da Cinemateca Brasileira, presidida por Carlos Wendel de Magalhães.

Segundo DUPRÉ (2009), uma das condicionantes do partido do projeto foi a de deixar as partes restauradas e antigas como estavam e destacar os elementos novos, que atenderiam ao novo programa de necessidades.

Os portões de madeira e aço dos acessos principais foram substituídos por vidros, para dar transparência e permeabilidade visual entre os ambientes internos e externos, ampliando, desta forma, a perspectiva do conjunto de maneira geral.

O objetivo do projeto foi o de revitalizar o conjunto, respeitando as recuperações históricas anteriores, nas quais foram sendo deixadas as marcas das intervenções. As fachadas foram mantidas com o mesmo ritmo, independente dos usos internos, e os interiores e coberturas foram tratados com materiais e técnicas apropriados aos novos usos.

Um detalhe arquitetônico proposto por Dupré, que cria uma nova identidade para o conjunto, pode ser verificado nas aberturas de portas e janelas do galpão principal. As mesmas receberam um novo caixilho em aço pintado de preto, que, em decorrência dos seus detalhes construtivos, agrega ao conjunto um contraste harmonioso entre o antigo e o novo. Estas esquadrias foram calandradas “in loco”, individualmente, nas dimensões identificadas para cada um dos vãos das aberturas originais.

As tesouras, com desenho bastante peculiar, foram executadas em aço, articuladas, com asas em chapa dobrada, e os tirantes (banzo inferior) e diagonais (pendural e suspensório) em barras, se encontram apoiadas sobre as colunas de alvenaria. Apoiam-se, também, nas tesouras, os elementos construtivos, em aço, que irão recompor o desenho original dos lanternins. Recebem uma cobertura de telhas cerâmicas, do tipo francesa, e a colocação de forro acústico na inclinação das águas, deixando as tesouras aparentes. (foto 5).

Para a ligação entre os galpões, foram propostas passarelas em estrutura de aço e vidro, fixadas às paredes de alvenaria por meio de tirantes. Apresentam recuos de 1,50 metros de cada lado dos prédios, que respeitam e valorizam o desenho dos galpões e também asseguram a iluminação e ventilação naturais. Tais passarelas permitem que se ande sobre elas para que a limpeza e manutenção dos vidros possam ser realizadas com facilidade. Sob as mesmas, foram deixadas calçadas em concreto e, nas suas laterais (foto 6), colocaram-se pedriscos com o objetivo de se obterem áreas de pisos permeáveis.

Outro detalhe digno de ser mencionado, localizado no “foyer” da sala de projeção “BNDES”, se dá com a solução de um piso de vidro que cobre e protege os trilhos e dormentes originais, que constituíam o local da doca de carga e descarga do antigo matadouro.

Nas intervenções dirigidas pelo escritório “GMR AA”, o galpão dos fundos não chegou a ter as suas alvenarias recuperadas e reconstruídas, pois as obras foram paralisadas antes dessa etapa. No projeto de Dupré, já com as alvenarias totalmente restauradas, o espaço interno dessa parte do galpão é adaptado para uma sala de cinema de 230 lugares (denominada de sala BNDES), mantendo-se, inclusive, as aberturas originais que receberam esquadrias de aço com fechamento em vidro, deixando, assim, as marcas das recuperações anteriores visíveis. Para manter a luminosidade correta para as projeções dos filmes, foram colocadas cortinas opacas, que são operadas por comandos automáticos. Esse detalhe, do abrir e fechar das cortinas, além de nos remeter às antigas salas de cinema, assume, neste caso em particular, um simbolismo

bastante forte, em se tratando de uma obra de restauro, quando se verifica a perfeita conjugação entre o objeto preservado com o novo uso proposto.

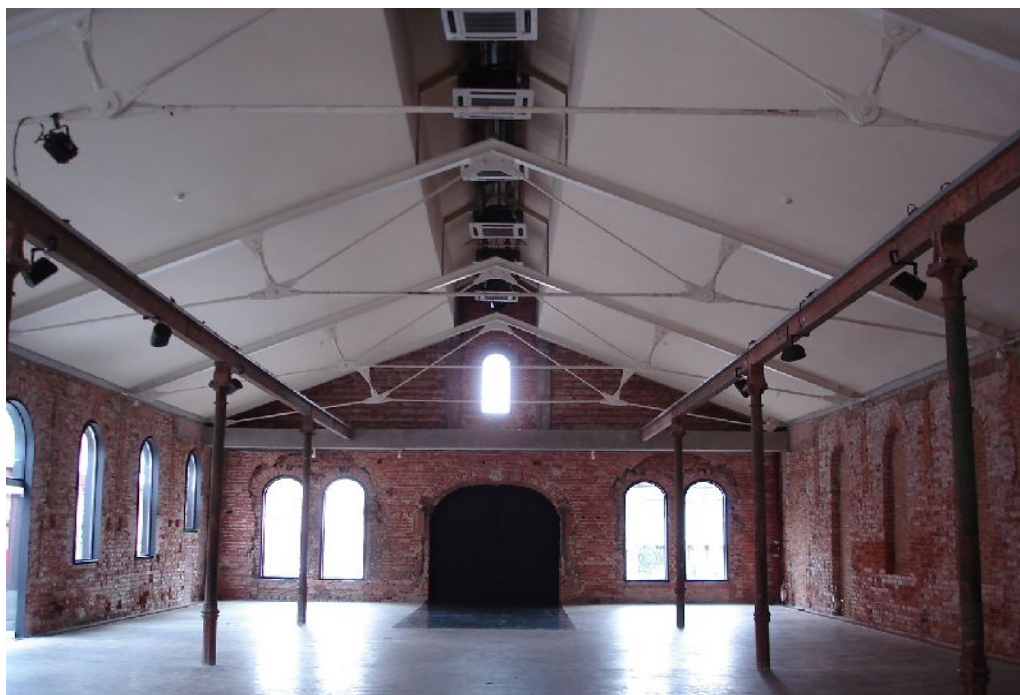


Foto 5- Vista interna do galpão central com as tesouras de aço. Foto 6 - Vista da passarela entre os galpões com o piso de concreto e de pedrisco. Fonte: PISANI, Maria Augusta Justi (2008).

6. Considerações finais

O antigo Matadouro da Vila Mariana é um patrimônio arquitetônico industrial de grande importância, por ser um exemplar de uma tipologia recorrente durante a construção de fábricas e de edifícios que deram suporte à malha ferroviária entre o final do século XIX e início do XX, como, também, por ter sido o elemento desencadeador da estruturação urbana do seu entorno.

Os projetos de intervenções de restauro e mudanças de uso foram sequenciais em apenas vinte anos, caso raro na Arquitetura Brasileira. O primeiro anteprojeto, dos arquitetos Martinelli e Vilela (DPH), em 1983, foi conceitual e muito importante para a valorização do bem e seu consequente tombamento, devido à grande pesquisa realizada. O segundo, coordenado pelo arquiteto Lúcio Gomes Machado, foi fundamental devido aos serviços de reforços de fundação e de estrutura, bem como da recomposição das alvenarias principais do conjunto. As decisões durante as obras de restauro foram as que garantiram a integridade do conjunto. Ressalta-se que as relações entre os autores dos dois projetos foram intensas.

A terceira intervenção, a do arquiteto Nelson Dupré, foi responsável pelo término das obras de restauro e de adequação ao novo uso. As decisões projetuais respeitaram as partes restauradas na segunda intervenção, mas as relações entre ele e os arquitetos anteriores não foram detectadas.

Como os anexos ainda não foram construídos, apesar de terem sido projetados, os resultados desta pesquisa poderão alimentar as próximas intervenções no Matadouro de Vila Mariana com maior conexão entre projetos e intervenções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUPRÉ, Nelson. **Acervo particular** sobre o projeto e as obras da Cinemateca Brasileira, 2009.

DUPRÉ, Nelson. **Cobertura de vidro estabelece relação entre antigos galpões**. *Projetodesign*, maio 2008, p.82-89

MACHADO, Lúcio Gomes. **Arquivo Pessoal**, 2008. (Documentos do “YMR AA” - Yurgel, Machado e Rodrigues Arquitetos Associados Ltda. e do “GMR AA” - Gomes Machado, Rodrigues Arquitetos Associados Ltda., datados de 1990 a 2008).

MACHADO, Lúcio Gomes. **Entrevista** dada a Maria Augusta Justi Pisani em seu escritório no Bairro de Pinheiros, São Paulo, São Paulo, no dia 30 de janeiro de 2008.

MACHADO, Lúcio Gomes. **Entrevista para o filme: Concreto Reciclado - Cidade Mutante - Parte II. Documentário**, São Paulo, Fabriketta de Cinema, exibida em 2005 no Canal Futura, 2005.

PISANI, Maria Augusta Justi. **Acervo fotográfico pessoal**, 2008.

Prefeitura do Município de São Paulo - PMSP. **Pedido de Tombamento – Matadouro da Vila Mariana**. Divisão de Preservação. Seção Técnica de Crítica e Tombamento. Seção Técnica de Projeto de Restauro e Conservação. São Paulo, s/d.

Prefeitura Municipal de São Paulo- PMSP. Secretaria Municipal da Cultura - SMC. Departamento de Patrimônio Histórico - DPH. Divisão de Preservação - Divisão Técnica de Projeto, Restauro e Conservação. **Anteprojeto de restauro do antigo Matadouro da Vila Mariana**. São Paulo, outubro/1983. Folhas 1 a 7

SANTOS, Délio Freire dos e RODRIGUES José Eduardo Ramos. Câmara Municipal de São Paulo 1560-1998. **Quatro séculos de história**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998, 192p.